



A DANÇA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFMG (1952-1977): HISTÓRIAS, SUJEITOS E TENSÕES

Marcos Antônio Almeida Campos (UFC)

Introdução

Pesquisar temas ligados à dança escolar é deparar-se, muitas vezes, com situações tensas, já que esta prática é historicamente relegada a uma posição secundária na escola, assim como tantos conteúdos que lidam com o corpo e com a arte. Atuando como professor de Educação Física em algumas instituições públicas e privadas, como dançarino profissional e estando envolvido em alguns projetos de dança em vários níveis de ensino, pude notar que o status que a dança goza no meio artístico e no ambiente escolar é diferente e, conseqüentemente, possui histórias diferentes.

Ao lidar com diversas formas de resistência por parte de alunos, principalmente do gênero masculino, em trabalhos desenvolvidos em escolas, não compreendia profundamente o porquê dos entraves impostos, inclusive por pais e mães destes alunos. Vários estudos mostram que esta dificuldade não é unilateral, sendo reforçada por outros fatores como a falta de local apropriado, de formação adequada dos professores e de trabalhos sistematizados nos projetos pedagógicos das escolas. (BARRETO, 2004).

Outro fator relevante é a ambigüidade das opiniões de alunos para com a dança, já que os mesmos alunos que resistem à prática da dança na escola não veem problemas em dançar em festas ou outros eventos fora da escola. Com isto, pode-se perceber que há certo descompasso nos nós desta trama, indicando que a história das práticas de dança na escola apresenta situações e intencionalidades que marcaram e marcam sua presença/ausência neste contexto.

Este questionamento sugere uma análise mais aprofundada na formação dos docentes que lidam com este conteúdo na escola, no caso os professores de Educação Física e



de Educação Artística. Aqui será analisada a Educação Física, a partir da Escola de Educação Física da UFMG, que durante o período de 1952 a 1977 foi a principal instituição de formação de professores nesta área em Minas Gerais. Investigar a formação docente nesta instituição é fundamental, já que os conhecimentos e a instrumentalização em cada conteúdo da Educação Física, durante o período proposto, indicava tendências e metodologias de trabalho na área em boa parte do sistema escolar mineiro.

Acreditando que o papel do professor de Educação Física é primordial na configuração da identidade da área e, conseqüentemente, nas suas práticas específicas, me propus a investigar a história da formação dos professores na principal instituição de ensino superior de Educação Física em Minas na segunda metade do século XX, identificando as práticas de dança neste contexto e buscando pistas a partir de fatos históricos que podem ter influenciado as representações acerca deste conteúdo.

Além disto, o panorama vivido pelos sujeitos envolvidos foi rico em discordâncias, levando a uma série de embates nítidos e sutis, tanto no que diz respeito à dança quanto à história da própria instituição. Analisando fontes que perpassam períodos conturbados, no bojo de disputas políticas e ideológicas, a Escola de Educação Física da UFMG passa por períodos áureos como também por anos de total abandono, criando dramas e lutas que merecem maior visibilidade. Neste estudo, após a contextualização do estudo, será feito um recorte

Contexto Histórico: Cenários e roteiros em constante mudança

O período escolhido (1952 a 1977) marca, inicialmente, a criação da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e da Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais, instituições que se fundiram em 1953, formando a Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEFMG). Esta Escola foi federalizada em 1969, tornando-se Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Na outra ponta, em 1977, a Escola propõe sua terceira reforma curricular, com significativa mudança no quadro



de disciplinas, fechando um ciclo de 25 anos no qual a dança passou da ausência aparente para a presença evidente. Além disto, neste mesmo ano, a sede da instituição se transfere para o campus da UFMG, empreendimento que por muito tempo motivou grandes esforços por parte da direção da Escola.

Neste arquivo, pude encontrar referências ao cotidiano vivido pela Escola, passando por ofícios enviados e recebidos pela diretoria e pelos departamentos; documentos referentes às decisões tomadas acerca da federalização da Escola, do curso PREMEM, das provas para provimento de professores das escolas estaduais, da crise pela qual a instituição passou no período de 1964 a 1968; a documentação dos primeiros professores e funcionários; dentre outros¹. Juntando-se a estas fontes, analisei diários de classe, programas de ensino, jornais, anais de eventos, fotografias², além de depoimentos orais³. Lidar com tantas fontes exigiu um esforço para a realização do entrecruzamento de informações, tentando dar maior fidedignidade à minha versão sobre uma história da dança nesta Escola. Sabe-se que a análise criteriosa do corpus documental é primordial, pois cada fonte pode levar a possíveis certezas, como também a enganos ou opiniões tendenciosas, já que foram produzidas por pessoas que seguiam aspirações e linhas de pensamento muitas vezes conflitantes.

Para lidar com estas fontes, foram necessárias orientações teórico-metodológicas que dessem uma ancoragem segura e centrada para, com isto, ser possível uma leitura mais apurada nas entrelinhas das falas e dos silêncios; e para poder entender melhor este lento

¹ Alguns destes fatos serão tratados neste trabalho.

² As imagens e fotos inseridas na dissertação fazem parte do acervo do Centro de Memória da Educação Física – EEFETO / UFMG e dos acervos pessoais das professoras Maria Yedda Maurício Ferrola e Vera Soares. A professora Vera Soares foi fundamental na identificação e confirmação de dados de algumas imagens, inclusive daquelas que não contém data precisa.

³ De acordo com Jorge Eduardo Aceves LOZANO, “[...] a evidência oral também exige e deve ter a mesma receptividade e os mesmos controles críticos que se aplicam aos artigos de jornal, a um relatório político ou a um documento lavrado em cartório”. (2002, p.24). Devemos atentar também ao fato de que as memórias “[...] revelam, ao mesmo tempo, lembranças coletivas e também interpretações particularizadas. Não podem, portanto ser tomadas como a ‘verdade’ sobre o que narra: representam a percepção de quem narra ou ainda os significados que atribui ao que é narrado.” (GOELLNER et. al., 2005, p.203). Os depoimentos orais das professoras Maria Yedda Maurício Ferrola e Vera Soares serão doados ao Centro de Memória da Educação Física – EEFETO/UFMG. Quando, na pesquisa, for citado algum depoimento oral que não foi realizado por mim, farei a indicação do autor referido.



processo de busca da afirmação da dança, num local no qual o esporte se apresentava como hegemônico.

A hegemonia de um conteúdo sobre outro, geralmente, está vinculada às relações de poder. Este é o caso do esporte, tendo como viés a sua presença maciça na formação dos currículos de Educação Física, já nas indicações das disciplinas obrigatórias, feitas pelo Decreto-Lei 1.212, de 1939⁴, acentuando-se e chegando ao auge no período ditatorial. Esta grade curricular acabava gerando, de certa forma, uma identidade à área, ajudando a prolongar as relações de poder existentes.

No caso da presença da dança na formação de professores e professoras nesta instituição, a circunstância era um pouco mais complicada. A dança sequer aparecia como componente curricular explícito e evidente nos primeiros dez anos de existência da Escola. Sua inserção no curso, como atividade teórico-prática, esteve vinculada à disciplina Ginástica Rítmica, de 1952 a 1962. Seria o mesmo que dizer que a dança esteve na “zona de sombras”⁵ da Ginástica Rítmica, estando sua visibilidade à sombra desta disciplina.

Outra questão importante é a separação das turmas por sexo. De 1952 a 1991, o currículo da Escola de Educação Física da UFMG era diferenciado, sendo que homens e mulheres cursavam algumas disciplinas consideradas *características* ao seu sexo, ficando privados de outras. Durante um longo período, a dança não fez parte da formação dos homens, assim como o Futebol e os Desportos de Ataque e Defesa não foram praticados pelas mulheres.

⁴ Este Decreto-Lei criou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) na Universidade do Brasil, localizada no Rio de Janeiro.

⁵ Silvana Vilodre GOELLNER (2005, p.71) constrói uma discussão interessante ao afirmar que a presença da mulher na história da prática esportiva esteve, de certa forma, invisível, motivada por uma hegemonia masculina desejada. Esta invisibilidade das práticas esportivas femininas estaria envolta numa espécie de “zona de sombras”, motivada por uma realidade que se convencionou como estável, na qual o homem seria o sujeito indicado ao esporte e às suas práticas consideradas violentas. Esta “zona de sombras” seria causada por uma narrativa histórica, cinematográfica, iconográfica e documental, referendando esta representação de não-feminilidade de muitas práticas esportivas. Contudo, isto não quer dizer que estas práticas não existiram; muito pelo contrário, estas práticas existiram, somente não tiveram a projeção que mereciam. Enfim, podemos entender que o termo “zona de sombras” indica uma condição na qual uma prática, um sujeito, um fato histórico, dentre outros, estaria invisibilizado por algum elemento mais forte e/ou predominante.



Isto leva a buscar amparo em outra categoria de análise primordial para a área da História da Educação/Educação Física e da história da dança: o gênero. Esta categoria nos leva a questionar as representações vinculadas às práticas corporais estabelecidas como masculinas e/ou femininas, dando ênfase, neste estudo, às permissões e proibições feitas aos alunos quanto à dança. A partir das discussões trazidas por Joham Scott, Guacira Lopes Louro, dentre outros, pude entender este movimento como um conjunto de “construções sociais” feitas sobre o corpo, o qual adquire uma identidade masculina ou feminina a partir dos símbolos historicamente legitimados pelos indivíduos. Geralmente, estas identidades passam por processos lentos de afirmação e negação das posturas seguidas por indivíduos e grupos sociais. Masculinidades e feminilidades são ressignificadas constantemente, a partir de influências provenientes das mais diversas áreas.

Ainda é pequeno o referencial teórico que aborde a relação entre as práticas de dança e as discussões sobre gênero, principalmente a presença/ausência do homem na execução deste conteúdo no meio escolar. Em boa parte desta produção, as relações do homem com a dança são pouco aprofundadas, sem discussões consistentes. Apesar de a bibliografia apontar a categoria “gênero” como relacional, trabalhos historiográficos fazem uma análise dos aspectos relacionados à mulher, principalmente em pesquisas vinculadas à profissão docente. Portanto, torna-se necessário o investimento em estudos que problematizem a dança escolar masculina, sem deixar de fazer as comparações necessárias com a mulher neste contexto. Identificar dificuldades na relação do homem com a dança na Escola de Educação Física da UFMG, no recorte temporal escolhido, traz ricos questionamentos acerca do embate entre representações que envolveram a dança, sendo esta considerada uma prática tipicamente feminina. Este aspecto se apresenta como uma das justificativas para a realização desta pesquisa.

Outra justificativa é a pequena produção sobre a história da dança em cursos de formação em Educação Física, se comparada com as pesquisas realizadas sobre a influência do esporte neste meio. A partir da busca bibliográfica sobre o assunto, percebi que a área ainda é carente de produções acadêmicas que tragam à tona a história da dança em instituições



superiores de Educação Física. Encontrei, por exemplo, trabalhos que têm como objeto de estudo a Educação Física como um todo (com destaque dado à história do esporte), ou a dança em escolas de ensino primário ou secundário, como é o caso da dissertação de Maria Aparecida de Souza Gerken (1999), sobre os festivais de dança no CEFET/MG. Também encontrei pesquisas sobre períodos anteriores, que comentam sobre a prática da dança nos grupos escolares do início de século XX, assim como sua presença ou ausência nos programas de ensino vigentes nesta época. Uma das principais referências que trata deste assunto é a dissertação de Elisângela Chaves (2002), sobre a escolarização da dança em Minas Gerais, tendo como fonte a Revista do Ensino, de 1925 a 1937.

Mesmo assim, encontrei na dissertação de Ana Júlia Pinto Pacheco (1998), que discute a problemática que envolve o gênero e a dança na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), no Rio de Janeiro, uma excelente referência. Alguns fatos ocorridos nesta instituição, no período de 1939 a 1969, influenciaram decisivamente nas questões referentes à dança no cenário nacional, já que a ENEFD foi considerada, durante um longo período, a referência para as outras escolas do país.

Outra referência preciosa foi a tese de Eustáquia Salvadora de Sousa (1994), que traçou um amplo panorama do ensino da Educação Física em Belo Horizonte, de 1897 a 1994. A tese lança luzes sobre questões vinculadas ao gênero, trazendo grandes contribuições no que diz respeito à história da Escola de Educação Física, fazendo os primeiros apontamentos sobre pesquisas a serem realizadas nesta instituição.

Neste estudo, pretendo apresentar os fatos ocorridos durante a década de 60, período mais tenso na história da instituição e no qual a dança teve uma presença importante no processo de afirmação da Escola de Educação Física como pólo de produção na área. Este recorte será feito em respeito a outros artigos publicados em revistas, eventos e livros da área, que não abordaram este tema de forma mais aprofundada⁶.

⁶ Aqui me refiro aos trabalhos de minha autoria no livro *Histórias de práticas educativas* (2008), na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (2009) e no *VI Seminário do Centro de Memória EEFETO/UFMG* (2010).



Tempos difíceis abalam a escola de educação física de Minas Gerais

Após um período áureo vivido na década de 50, a Escola de Educação Física de Minas Gerais se encontrava em uma situação embaraçosa na década de 60, numa difícil caminhada rumo a total decadência de recursos, sem condições para continuar seus planos de crescimento. Vítima do descaso das autoridades? Alvo de “forças ocultas”?⁷ Muitos interesses políticos e atos de sacrifício fizeram parte de uma década intensa e atribulada na história desta instituição.

De acordo com Sylvio Raso, docente da instituição, os problemas entre o governo do Estado de Minas Gerais naquele período, e a Escola de Educação Física surgiram a partir de questões políticas, já que, nas eleições de 1961, a instituição apoiou a chapa de Tancredo Neves, candidato do governador anterior, Bias Fortes, derrotado pelo candidato Magalhães Pinto. (KANITZ JÚNIOR, 2003).

De acordo com a imprensa mineira, a crise começa em maio de 1961⁸. O professor Herbert de Almeida Dutra⁹ afirma:

Na época a congregação se reunia e elegia o diretor da escola e depois mandava o nome para o Estado, que o nomeava. Atitude que não agradava muito aos governadores, principalmente a Magalhães Pinto, que queria ter participação na escolha do nome e em represália começou a cortar as verbas da Escola.¹⁰

Aos poucos, os recursos da Escola foram diminuindo e uma série de suas atividades foi se extinguindo. Como em uma curva descendente, a Escola de Educação Física

⁷ Apóio-me no artigo do Jornal Estado de Minas, de 21 de janeiro de 1967, intitulado “Federalização da Educação Física é Difícil: Forças Ocultas Impedem Dinamização da Escola”.

⁸ Em 7 de novembro de 1965, o jornal Diário da Tarde publicou um artigo intitulado “A Escola que ia fechar”, de Nilza Helena, no qual é relatado que os professores, a partir de maio de 1961, ficaram um ano sem receber seus vencimentos. Interessante frisar que as bolsas concedidas aos 50 candidatos do interior do Estado foram liberadas em junho do mesmo ano. Outro artigo do jornal Estado de Minas, de 5 de setembro de 1965, intitulado “Diretor explica as dificuldades da Escola de Educação Física”, afirma que a Escola “só teria condições de voltar à normalidade depois de receber as verbas que não estão sendo pagas regularmente, desde 1961”. No ano de 1965, o Diretor da Escola era Herbert de Almeida Dutra.

⁹ Herbert de Almeida Dutra foi diretor da Escola de Educação Física de Minas Gerais no período de 1963 a 1969. Fonte: Of. 206/71.

¹⁰ Escola de Educação Física e UFMG, 20 anos depois. Jornal de Casa, 1989.



entra em grave crise financeira, não conseguindo honrar suas obrigações. Aos professores, funcionários e alunos faltou toda espécie de recursos para continuar as atividades normais. A situação ficou tão grave que os professores começaram a dispor de seus vencimentos para que os recursos fossem destinados aos funcionários e à compra de materiais para a Escola.

Como uma espécie de garantia futura de recebimentos dos ordenados, o General Olavo Amaro da Silveira, diretor da Escola¹¹, propôs entregar aos professores um recibo ao invés do pagamento. Este recibo foi uma espécie de promissória que seria trocada pelo pagamento do salário assim que a situação se normalizasse. Este fato se tornou motivo de brincadeiras entre os professores, que passaram a designar este recibo de “generaleta”, já que era emitido pelo General Olavo. Esta foi uma das ações mais extremas na tentativa de evitar a falência da Escola.

Nós não recebíamos vencimento e recebíamos, para uma garantia, vamos dizer, muito amigável, uma papeleta, que eles chamavam, que era uma generaleta. Generaleta era porque, na ocasião, o Diretor era o General Olavo, e ele então nos dava uma generaleta dizendo que, em vez de dar a remuneração do mês, dava uma generaleta para a manutenção da Escola. Então a Escola esteve na fase em que os jornais noticiavam: - “A Escola de Educação Física vai fechar, vai acabar”.[...] Uma promessa, como de fato, depois, foram repondo. Mas a brincadeira em torno disto é que era uma generaleta, porque era um documento que nós recebíamos em vez de recebermos o ordenado [...].¹²

Os professores não recebiam o ordenado da Escola de Educação Física, porém, trabalhavam em outros locais. Muitos eram técnicos reconhecidos nacional e internacionalmente (SOUSA, 1994). A professora Maria Yedda, por exemplo, também trabalhava no Colégio Municipal. A professora Vera Soares trabalhava na Secretaria Estadual de Administração e depois se tornou professora de Educação Física numa escola estadual antes de ser professora exclusiva da Escola¹³.

¹¹ O general Olavo Amaro da Silveira foi diretor da Escola de Educação Física de Minas Gerais no período de 1960 a 1962.

¹² Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

¹³ Depoimento da professora Vera Soares – Arquivo Audiovisual CEMEF.



Em 1964, ano do golpe militar no Brasil, a crise chega às capas dos jornais. Esta foi a tática usada pelos membros da Escola para tentar conseguir reverter o problema. Em 29 de setembro de 1964, o governador Magalhães Pinto recebeu uma comissão de alunos da Escola, fato noticiado pelo “Jornal Estado de Minas”¹⁴. Neste encontro ocorrido no Palácio da Liberdade, o governador se mostrou *surpreso* com o quadro apresentado pelos alunos, afirmando que só naquele momento tinha tomado conhecimento da questão.

O quadro traçado pela comissão de alunos mostrava que a Diretoria de Esportes não enviava verbas para a Escola, apesar do diretor da Escola já ter se reunido várias vezes com auxiliares do governo, sem nenhum resultado. Alguns dias antes, o Jornal “Correio da Manhã” de 18 de setembro de 1964, noticiou que o orçamento da Escola de Educação Física, no valor de 51 milhões de cruzeiros, havia sido enviado ao governador; mas, a verba não havia sido liberada. A Escola chegou a encerrar suas atividades temporariamente na tentativa de que a notícia repercutisse no Governo, para que, assim, o mesmo tomasse uma providência imediata.

A Escola de Educação Física entrou numa situação na qual não sabia mais a quem recorrer. Uma das saídas encontradas por Herbert de Almeida Dutra foi pedir auxílio ao governo norte-americano. Em um ofício enviado ao presidente dos Estados Unidos Lyndon Johnson, o diretor da Escola pede para que a Escola de Educação Física de Minas Gerais seja socorrida¹⁵.

Ao que parece, o ofício não surtiu efeito ou não chegou às mãos do presidente Lyndon Johnson. No dia 16 de dezembro de 1964, Herbert Dutra envia outro ofício a Lincoln Gordon, embaixador no Brasil dos Estados Unidos da América do Norte. Neste ofício, o diretor solicita ao embaixador que o mesmo interceda junto ao governo norte-americano “para que o mesmo dê despacho favorável ao ofício que esta Escola de Educação Física dirigiu à

¹⁴ Alunos continuam a campanha para salvar Escola de Educação Física. Estado de Minas, 30 de setembro de 1964. Fonte: Acervo do Centro de Memória da Educação Física – CEMEF/EEFFTO.

¹⁵ Of. 138/64. Arquivo da EEFFTO/UFMG.



Sua Excelência, solicitando ajuda a este educandário”¹⁶. Não foi encontrado nenhum documento que contivesse alguma possível resposta a estes pedidos.

Outra iniciativa do diretor da Escola foi enviar ofício ao presidente do Brasil, Humberto de Alencar Castelo Branco, pedindo que ele “se digne interceder” junto ao Governo do Estado para que sejam destinados os recursos financeiros a que a Escola tinha direito. Afirma, no ofício, que seria “grandemente lamentável que por razões de ordem financeira esta Escola não pudesse continuar a sua elevada tarefa educativa”.¹⁷

Os apelos ao presidente ao que parece, também ficaram sem ressonância. Em setembro de 1965, a Escola passa pelo momento mais difícil, a falta de recursos chega ao seu extremo. No dia 2 de setembro, os funcionários decidiram paralisar suas atividades. No dia seguinte, os alunos aderem ao movimento. Na seção “Grão de Pimenta” do Jornal “O Diário”, relata-se que “[...] seria incrível que no momento exato em que o Sr. Magalhães Pinto recebe as honras merecidas de dar o Estádio da Pampulha aos mineiros, uma Escola se feche por falta de recursos”¹⁸.

No dia 06 de setembro, a Congregação se reuniu com o objetivo de tomar alguma posição quanto a esta situação. Na ata desta reunião fica ainda mais clara toda a luta para evitar a paralisação das atividades. Após ampla discussão, decidiu-se por uma paralisação completa das atividades, pela imensa falta de recursos financeiros e didáticos. Seria feita uma comunicação ao governador sobre “os acontecimentos e a imperiosa necessidade de paralisação das aulas se não fossem providos os recursos financeiros necessários”¹⁹.

Talvez pela repercussão do fechamento da Escola, o Governo prometeu enviar recursos para a Escola. Com isto, as atividades foram retomadas no dia 10 de setembro. Todavia, este paliativo não durou muito tempo. Apesar das promessas, a Associação de Ex-Alunos, dirigida pelo professor Odilon Barbosa, tentava angariar fundos para a compra de

¹⁶ Of.172/64.

¹⁷ Of. 171/64.

¹⁸ O Estádio da Pampulha, primeiro nome dado ao hoje apelidado Mineirão, foi inaugurado na mesma semana em que a Escola paralisou suas atividades. Atualmente, o Mineirão é denominado Estádio Governador Magalhães Pinto.

¹⁹ Cf. Ata da Congregação n. 3. Dia 06 de setembro de 1965, p.8b.



material didático e pagamento dos salários atrasados dos funcionários. Em reportagem ao Diário da Tarde²⁰, Odilon Barbosa relata que professores e ex-alunos se mostraram dispostos a contribuir com 10 ou 20 mil cruzeiros²¹. Com isto, procurava evitar que a Escola interrompesse suas atividades definitivamente.

Novamente, em 12 de setembro de 1966, a Escola suspende suas atividades, já que, dentre outros fatores, os professores e funcionários não recebiam seus salários há quatro meses²². Deve ser ressaltado que, desde fevereiro do mesmo ano, o governador do Estado era Israel Pinheiro. Houve uma promessa por parte do novo governador e do Secretário da Fazenda, Jôfre Gonçalves de Souza de pagamento da verba para a Escola.

Apesar desta promessa, em 5 de agosto de 1967, o artigo intitulado “Educação sem verba”, do Estado de Minas, relata:

Não é possível que essa situação continue. Mais uma vez, a Escola de Educação Física está ameaçada de fechamento e, além disso, os professores vêm na greve o único argumento para forçar o pagamento de seus salários atrasados. Que o Governo de Minas está em situação difícil, todos sabem. Portanto, melhor seria que o Ministério da Educação e Cultura decidisse, já, a federalização da Escola. Num momento em que o Brasil ficou tão por baixo no atletismo e nos esportes amadores em geral, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, não seria pedir muito que se resolvesse esse drama antigo de uma Escola de Educação Física que, volta e meia ameaça morrer.

É inegável o quão complicado foi para a Escola de Educação Física todo este turbilhão de dificuldades²³. Entretanto, apesar do abandono por parte do poder público,

²⁰ Abnegação tenta sobrevivência da Escola de Educação Física. Diário da Tarde, 19 de setembro de 1965.

²¹ Na Escola Superior de Educação Física, no Rio Grande do Sul, a situação era muito parecida: “[...] o dinheiro para a aquisição de recursos materiais oriundos do governo estadual deixava a desejar. Muitas vezes, os próprios funcionários tinham que juntar um pouco de dinheiro de cada um para comprar equipamentos e utensílios básicos para o funcionamento da Escola”. (NUNES & NETO, 2005, p.183).

²² Por falta de condições materiais, Escola de Educação Física suspende suas atividades. Estado de Minas, 13 de setembro de 1966.

²³ Não só a Escola de Educação Física de Minas Gerais passou dificuldades financeiras neste período. Janice Zarpellon Mazo relata que a Escola Superior de Educação Física (ESEF), no Rio Grande do Sul, sofria com a falta de recursos: “A ESEF, apesar de contar com uma grande área física, não possuía espaços adequados para as práticas esportivas e nem salas de aula suficientes para as atividades teóricas. Os problemas de infra-estrutura, inclusive, dificultavam a promoção de eventos que a Escola procurava realizar para afirmar-se no cenário esportivo e educacional do Estado do Rio Grande do Sul.” (2005, p.157).



alunos e professores se mantiveram firmes em sua luta pela sobrevivência. Além do apoio da imprensa, outras formas de atuação foram importantes, no sentido de chamar a atenção da população mineira para a existência e importância da Escola na educação de crianças e jovens. Numa espécie de campanha em prol da maior visibilidade da Escola no interior do Estado, foram realizadas “Ruas de Recreio”, nas quais os professores e alunos desenvolviam dinâmicas, divulgando as atividades da instituição. Outro objetivo era o de incentivar a vinda de candidatos do interior para Belo Horizonte, para cursarem Educação Física na referida instituição. Dentre estas atividades, um grupo de alunas apresentava composições coreográficas para a população²⁴.

Nós tínhamos ali naquele, naquela parte de comparecimento, de entusiasmo, e, pelo contrário, fazíamos aquilo que podíamos e não podíamos, inclusive uma verdadeira propaganda da Escola de Educação Física nas cidades vizinhas. Então íamos com o grupo de dança, íamos com o grupo de dança, com a parte coreográfica já treinada e aplicada nas aulas e nas demonstrações.²⁵

Neste panorama traçado, uma aspiração foi ganhando força. O último artigo aqui relatado²⁶ traz um elemento que gerou grandes esforços por parte dos membros da Escola, no intuito de resolver definitivamente a situação caótica pela qual a instituição passava: a federalização.

Em tempos de crise, a escola dança conforme a música...

Mesmo enfraquecida pela falta generalizada de recursos, a Escola viveu momentos importantes em seu cotidiano. Este capítulo não tem a intenção, somente, de mostrar a história da Escola de Educação Física de Minas Gerais, neste período confuso. Tenta ver, também, como e onde a dança se inseriu, seja no currículo ou na sua prática cotidiana, interna ou externa.

²⁴ A professora Maria Yedda possui, em seu acervo particular, alguns atestados de participação em eventos ocorridos no interior de Minas Gerais, nos quais participaram suas alunas.

²⁵ Depoimento da professora Maria Yedda Maurício Ferolla – Arquivo Audiovisual CEMEF.

²⁶ Educação sem verba. Estado de Minas, 5 de agosto de 1967.



Durante a crise que a Escola viveu neste período, foram várias as ações empreendidas pelos professores, funcionários, direção e alunos, que começaram um intenso movimento para evitar o fechamento da instituição. Uma das alternativas, relatada pela professora Maria Yedda, foi a divulgação do curso em outras cidades. Eram realizadas ruas de recreio em cidades do interior, que se tornavam verdadeiras propagandas para a Escola, tendo como objetivo chamar a atenção da juventude interiorana. Ao empreender estas atividades, os professores procuravam sensibilizar os jovens, no sentido de fazê-los se interessar pela área, ou seja, buscar novos candidatos aos cursos ofertados pela Escola. Com isto, o prestígio da Escola aumentaria, podendo sensibilizar o Governo do Estado.

Um exemplo desta tática era a apresentação das alunas da disciplina Danças nestes e em outros eventos em cidades vizinha, como citado anteriormente. Este “grupo de dança” era formado por alunas escolhidas no quadro discente da Escola de Educação Física. A cada semestre, elas montavam coreografias que eram apresentadas em festivais, na Escola. A partir disto, eram convidadas a se apresentar em eventos diversos, inclusive nestas excursões para outras cidades.

Além de apresentarem os trabalhos em eventos de divulgação da Escola²⁷, as alunas foram convidadas para se apresentarem em diversos locais, o que dava grande visibilidade às práticas de dança produzidas na Escola neste período²⁸:

- IV, VI, VII e VIII Festivais Universitários de Arte, sendo que no último, ocorrido do dia 30 de agosto ao dia 8 de setembro de 1959, as alunas da Escola de Educação Física de Minas Gerais receberam, como prêmio ao primeiro lugar de classificação, uma medalha de ouro.

²⁷ Torna-se primordial afirmar que estes fatos foram baseados na fala da professora Maria Yedda. Não encontrei, dentre as fontes pesquisadas, algum documento que atestasse, nitidamente, a ida das alunas a estas cidades, com o objetivo de divulgar os trabalhos da Escola.

²⁸ Cito estes eventos, baseado nos documentos que fazem parte do acervo pessoal da professora Maria Yedda.



- Festival de Ginástica e Danças Folclóricas, promovido pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e da Cultura, realizado no Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, no dia 22 de outubro de 1960.
- Demonstração de danças na solenidade de inauguração da sede da Escola de Educação Física de Minas Gerais, na Gameleira, em 19 de novembro de 1960.
- Apresentação na inauguração da Reitoria da UFMG, em outubro de 1962.
- Apresentação na TV Itacolomi, em 1963.
- Apresentações de dança, com as alunas da Escola, em Itaúna, Divinópolis e Pitangui, em 1968.

Os trabalhos apresentados eram produzidos pelas alunas, como resultado dos conteúdos aprendidos em aulas. Estes trabalhos eram utilizados como forma de avaliação das disciplinas ministradas pelas professoras, sendo esta avaliação pautada, na maioria das vezes, em trabalhos práticos.

Paralelo a este processo difícil pelo qual a Escola passava, algumas ações foram empreendidas no intuito de levar a instituição à condição de escola vinculada a uma universidade, no caso, a Universidade Federal de Minas Gerais. Frente à força que o esporte vinha tomando no período da Ditadura no sentido de desmobilizar a força discente, o papel da Educação Física no controle das atividades dos estudantes se tornou central. Era necessário ampliar o número de professores e, para isto, deveriam ser criados novos institutos de formação inicial, assim com a federalização das escolas já existentes. (NUNES & NETO, 2005).

Voltando o olhar para a Escola de Educação Física de Minas Gerais, o diretor Herbert Dutra buscou formas de concretizar a federalização da Escola. Em 1º de abril de 1969, Herbert envia ao presidente Marechal Arthur da Costa e Silva um ofício para “solicitar medidas de proporcionar ao educandário a condição de Escola Federal”²⁹.

Herbert Dutra, então, apela para que o presidente seja favorável à federalização, afirmando o quanto isto seria positivo tanto para a instituição quanto para a infância e a

²⁹ Ofício 127/69.



REFERÊNCIAS

BARRETO, Débora. *Dança...: ensino, sentido e possibilidades na escola*. Campinas: Autores Associados, 2004.

BRASIL. Decreto-Lei 1.212 de 17 de abril de 1939. Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. *Diário Oficial*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1939.

CAMPOS, Marcos Antônio Almeida. *A presença da dança no curso de Educação Física da UFMG (1952-1975): primeiras explorações históricas*. Belo Horizonte: UFMG, Monografia, 2004, 78p.

CHAVES, Elisângela. *A escolarização da dança em Minas Gerais (1925-1937)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Dissertação, 2002, 152p.

GERKEN, Maria Aparecida de Souza. *Das aulas aos festivais: a história da escolarização da dança no CEFET/MG*. Belo Horizonte, Faculdade de Educação/UFMG, Dissertação, 1999, 155p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos e desafios: Carruagens de fogo. In: MELO, Victor Andrade de & PERES, Fábio de Faria (Orgs.) *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2005, p.65-73.

KANITZ JÚNIOR, Roberto Malcher. *Escola de Educação Física de Minas Gerais (1950-1958): o começo de uma história*. Monografia. Belo Horizonte: UFMG/EEFFTO, 2003, 107p.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.15-25.

MAZO, Janice Zarpellon. Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS): um estudo do período de sua fundação até a federalização (1940-1969). *Movimento*, Porto Alegre, v.11, p.143-167, janeiro/abril, 2005.

NUNES, Cássio Felipe Tajada; NETO, Vicente Molina. O processo de federalização da ESEF/UFRGS sob a perspectiva dos professores: o estudo de um caso. *Movimento*, Porto Alegre, v.11, n.2, p.167-190, maio/agosto, 2005.

PACHECO, Ana Júlia Pinto. *Gênero e dança na Escola Nacional de Educação Física e Desportos: fragmentos de uma história*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Dissertação, 1998, 232p.



SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2): 5:22, jul/dez. 1990.

SOARES, Carmen. Notas sobre a educação no corpo. *Educar*. Curitiba: Editora da UFPR, n.16, p.43-60, 2000.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra. A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Campinas: UNICAMP, Tese, 1994, 265p.

FONTES PESQUISADAS

1 ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (CEMEF) DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA UFMG.

1.1 Anais

V Jornada Internacional de Educação Física, 1962.

1.2 Coleção do professor Herbert de Almeida Dutra.

1.3 Livros de Atas

Livro de Atas da Congregação da Escola de Educação Física de Minas Gerais, n.2.

Livro de Atas da Congregação da Escola de Educação Física de Minas Gerais, n.3.

1.4 Jornal Educação Física, órgão oficial da Escola de Educação Física de Minas Gerais.

1.5 Acervo de fotografias

1.6 Arquivo audiovisual

2 ARQUIVO DA SEÇÃO DE ENSINO ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA UFMG.

2.1 Pastas arquivadas dos programas de ensino, pontos para prova parciais e provas de segunda época das disciplinas Ginástica Rítmica e Danças, da Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e da Escola de Educação Física de Minas Gerais, nos anos de 1952, 1953, 1954, 1958, 1965, 1967 e 1969.

2.2 Diários de Classe das disciplinas Danças e Rítmica dos Cursos Superior, Educação Física Infantil e PREMEM, nos anos entre 1967 e 1975 (1º semestre).



3 ARQUIVO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA UFMG.

3.1 Ofícios recebidos e enviados pelos órgãos:

Escola de Educação Física de Minas Gerais.

Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais.

Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais.

3.2 Pastas de documentos sobre a federalização da Escola de Educação Física de Minas Gerais.

4 ACERVO PARTICULAR DA PROFESSORA MARIA YEDDA MAURÍCIO FEROLLA.

5 ACERVO PARTICULAR DA PROFESSORA VERA SOARES.